

Sob a insígnia do corpo que não aguenta mais: Morte, Luto e Melancolia em A Desumanização, de Valter Hugo Mãe

Under the banner of the body that can no longer take it:
Death, Mourning and Melancholy in A Dehumanização,
by Valter Hugo Mãe

Luciana de Oliveira Dreyer ¹

Resumo: O presente trabalho visa analisar como morte, luto e melancolia se apresentam na obra *A desumanização* de Valter Hugo Mãe. A perspectiva adotada para a análise aqui proposta é pautada nas ideias expressas por David Lapoujade em seu ensaio *O corpo que não aguenta mais*. Sob esse direcionamento buscou-se perceber os pontos de diálogo entre *O corpo que não aguenta mais* – Lapoujade – e *A desumanização* – Mãe. Por meio dos personagens, seus enfrentamentos e de uma linguagem poética, Mãe configura a potência de corpos que resistem às agruras de uma existência de perdas. Os fatores que impactam a vida dos personagens e que, devido a eles, expressam de um lado fragilidades, de outro forças de resistência, são, principalmente, o enfrentamento de morte, as fases e faces do luto e a melancolia manifesta no cotidiano de Halla, seu pai, a mãe e Einar – personagens mais marcantes na obra.

Palavras-chave: corpo; resistência; morte; luto; melancolia.

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas - pela UNIDERP, Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2007) e Mestrado na área da Literatura/Psicanálise - UEMS (2022). E-mail: lucianadreyer@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8496-8566>.

Abstract: This work aims to analyze how death, mourning and melancholy present in the work *A desumanização* by Valter Hugo Mâe. The perspective adopted for the analysis proposed here is guided on the ideas expressed by David Lapoujade in his essay *O corpo que não aguenta mais*. Under this direction, we sought to understand the points of dialogue between *O corpo que não aguenta mais* - Lapoujade - e *A desumanização* - Mâe. Through the characters, their confrontations and a poetic language, Mâe configures the power of bodies that resist hardships of an existence of losses. The factors that impact the lives of the characters and that, due to them, express weaknesses on the one hand, resistance forces on the other, are mainly the coping with death, the phases and faces of mourning and the melancholy manifested in Halla's daily life, his father, mother and Einar - most outstanding characters in the work.

Keywords: body; resistance; death; mourning; melancholy.

Considerações iniciais

Refletindo acerca dos apontamentos trazidos por Lapoujade, em *O corpo que não aguenta mais*, é possível traçar uma análise comparatista com a obra de Valter Hugo Mâe *A desumanização*. Para Lapoujade, a potência do corpo se expressa pela maneira como reage aos sofrimentos, que, segundo o autor, são inerentes ao corpo.

Nosso corpo se protege contra os ferimentos que sofre, tanto pela fuga, pela insensibilidade, como pela imobilização (fingir-se de morto), ou seja, por processos de fechamento, de enclausuramento. O corpo não pode mais suportar certas exposições. De certa maneira reencontramos aqui a resistência ou o embrutecimento que o corpo manifestava contra os mecanismos de adestramento. Mas estes indispensáveis processos de defesa contra o sofrimento devem ser inseparáveis de uma exposição ao sofrimento, que aumenta a potência de agir dos corpos. (LAPOUJADE, 2002, p. 87)

A obra *A desumanização*, de Valter Hugo Mâe, possibilita uma inserção em um universo de dor, de angústia, de apatia e de desgosto em relação à vida ocasionado pelo impacto da morte. O sofrimento revelado na obra apresenta diferentes formas de expressão e vai se manifestando durante os períodos de luto dos personagens.

Contudo, a densa atmosfera lúgubre da narrativa é perpassada pela linguagem bastante poética de Mâe proporcionando, dessa maneira, uma leitura equilibrada entre dor e beleza. Essa ambivalência permeia todo romance, o que acaba por provocar, muitas vezes, a necessidade de constantes rupturas na leitura para aquilo que Barthes nomeou de “ler levantando a cabeça”.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça*?

É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. (BARTHES, 2004, p. 26)

Em *A desumanização* é por meio, também, de toda essa expressividade metafórica que a capacidade de resistência de corpos acometidos pelo doloroso processo iniciado a partir de perdas por morte vai se revelando. E é nesse sentido que Mãe acaba por contextualizar as ideias sugeridas por Lapoujade em *O corpo que não aguenta mais*.

Da melancolia à beleza expressiva

O romance de Mãe se dá nos fiordes Islandeses. A descrição do lugar leva o leitor a uma atmosfera gelada, solitária e sombria, fato esse que acentua os aspectos melancólicos percebidos na maior parte dos personagens, assim como em toda construção da narrativa. Esse tipo de condução da linguagem de Mãe manifesta, ao mesmo tempo, beleza e melancolia. Ambas acabam traduzindo perfeitamente a expressão de Kristeva *Sol Negro* que se apresenta também como título de sua obra.

Quando pudemos atravessar nossas melancolias a ponto de nos interessarmos pela vida dos signos, a beleza também pode nos apanhar para testemunhar sobre alguém que, de forma magnífica, encontrou o caminho real pelo qual o homem transcende a dor de estar separado: o caminho da palavra dada ao sofrimento, até ao grito, à música ao silêncio e ao riso. (KRISTEVA, 1989, p.97)

O manejo artístico da linguagem de Mãe, ao expressar com tanta sensibilidade, delicadeza e beleza aspectos tão duros da existência, demonstra também, de certa maneira, a própria resistência sugerida por Lapoujade. Afinal, nesse universo de dor, o belo se sobrepõe e resiste sendo ele o que transfere valor à obra.

(...) perguntou-me se andava calada pela tristeza. (...) Respondi que sim. Que perdera o jeito das conversas. Andava por ali a ver no vazio coisas de mentira. Andava a ver o vazio das coisas. Porque sem Sigríður tudo perdera o conteúdo. Estava oco. Como se ela fosse o dentro de tudo. O dentro dos peixes e o dentro das pedras, o dentro de todas as mãos e dos sons, o dentro das paisagens (...) O dentro de mim e o dentro do Einar. (MÃE, 2017, p.50-51)

Nota-se, no trecho acima, uma situação de desgosto e sentimentos mórbidos transformados pela poética da linguagem. As metáforas empregadas sublimam a dor quase convertendo-as da melancolia à melodia. Os aspectos melancólicos e melódicos se embaralharam no que se narra e como se narra. Esse trecho exprime um misto de sons e

silêncios que vão do sentir a dura realidade adversa que se revela à sutileza e harmonia da expressividade metafórica ali manifesta.

O corpo que resiste

Quem narra a história é Halla, a “irmã menos morta” de Sigrudur, “a criança plantada”. Halla e Sigrudur são gêmeas. Devido à morte prematura de Sigrudur, Halla se vê acometida de um sofrimento que se expressa no decorrer de toda narrativa. Além de sua própria dor pela perda da irmã, tem ainda que conviver com a maneira desumana com que a mãe passa a tratá-la devido a não aceitação da morte de Sigrudur, e também por não saber lidar com a filha idêntica viva.

De diferentes formas, e de maneira a representar o próprio título da obra, há um processo de desumanização no modo como as duas resistem à dor deixada pela ausência de Sigrudur. E, para continuarem a levar a vida que lhes cabe, a partir de toda agrura que vivenciam, num esforço de resistência e num paradoxo de força e fragilidade, vão manifestando o resultado de toda situação sofrida na maneira como passam a enfrentar o cotidiano. Acerca dessa maneira de resistir, Lapoujade assim menciona:

Aqui é preciso seguir o que diz Bárbara Stiegler sobre o paradoxo da fraqueza do forte. O que faz a fraqueza do forte é que ele se esforça para perseverar, e mesmo aumentar, sua vulnerabilidade, controlando seu grau de exposição às feridas do fora; se protegendo das agressões mais grosseiras, ele pode se abrir às feridas mais sutis. “Se defender do que é estrangeiro, não deixar agir a excitação como uma força formadora, lhe opor uma pele dura, um sentimento hostil: para a maioria essa é uma necessidade vital para sua conservação. Mas no domínio moral, a livre amplitude da vista atinge seu limite lá onde não sentimos mais a excitação estrangeira como uma excitação estimulante, mas apenas como um prejuízo.” (LAPOUJADE, 2002, p.88)

A mãe de Halla chega ao ponto de automutilação. Acaba também mutilando a própria Halla. Nessas atitudes demonstra transferir as feridas internas, mencionadas por Lapoujade, ao corpo externo, expressando assim, na superfície da pele, a dor e o abalo psicológico que carrega.

Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha. E eu afastava-me sempre prometida para a morte. Devias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com tanta facilidade. Cada passo é um perigo na nossa vida. Se não te acautelares, morres de distraída. Nem te magoará. E eu respondia: não me peça para morrer, mãe. (...) E ela disse: se fugires, mato-te. Vais estar sempre

ao pé da minha mão. O único longe para ti há de ser a morte. Perto da tua irmã. (MÃE, 2017, p.47)

Em alguns momentos da narrativa, é possível constatar uma abordagem foucaultiana com relação à ideia de corpo enquanto parte exposta aos sofrimentos. Essa perspectiva de Foucault pode ser observada no trecho a seguir:

O corpo é um traste. A alma deve ser incrível. Quando nos virmos ao espelho e só ali estiver a alma vamos pasmar de maravilha. Maravilhadas com que somos ou sabemos ser. Viveremos apenas nas costas dos olhos. Entendes. Seremos apens as costas dos olhos. O lado de dentro. (MÃE, 2017, p. 38)

Foucault, em seu texto escrito para a conferência *O corpo Utópico*, faz reflexões que dialogam com o trecho de Mãe citado anteriormente. Para o filósofo, o corpo é tido como uma espécie de cárcere da alma.

Meu corpo é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado. (...) A alma funciona maravilhosamente dentro do meu corpo. Nele se aloja, evidentemente, mas sabe escapar dele: escapa para ver as coisas, através das janelas dos meus olhos, escapa para sonhar quando durmo, para sobreviver quando morro. A minha alma é bela, pura, branca. E se meu corpo barroso – em todo o caso não muito limpo – vem a se sujar, é certo que haverá uma virtude, um poder, mil gestos sagrados que a restabelecerão em sua pureza primeira. A minha alma durará muito tempo, e mais que muito tempo, quando o meu velho corpo apodrecer. Viva a minha alma! (FOUCAULT, 1966 s/p)

Outro trecho bastante representativo desse olhar metafórico foucaultiano dado ao corpo encontra-se em *A desumanização* no fragmentado a seguir:

Depois, respondi-lhe: talvez a morte seja só uma maneira de simplificar a alma. A morte é a simplificação das almas. Deixa-as libertas dos infinitos pormenores do corpo. Libertas da sua vulnerabilidade. Ele deteve-se por um instante. Eu repeti: o corpo suja a alma. (MÃE, 2017, p.55)

Além de Halla e sua mãe, há também o pai que demonstra outra maneira de manifestar seu luto. Nas figuras femininas, percebe-se uma maior força expressiva na forma como resistem nesse ‘corpo que não aguenta mais’. O pai tem um comportamento apático, meio inexpressivo, quase à sombra, à margem da esposa e filha. Em sua dinâmica de enfrentamento, se fecha, por um lado, e se abre, por outro. A escrita se torna seu refúgio. Esse corpo – do pai – que não aguenta mais resiste na melancolia e solidão que passam a direcionar sua vida.

O meu pai fora feliz, anos antes (...). Ajoelhado ao meu sofrimento, era agora um homem encurralado. Impotente. Com os nervos a toldarem-lhe as ideias. Ainda generoso, mas confuso. Não escapava de si mesmo. Andava singular, e singular se predava, se abatia. Sozinho, o meu pai seria suficiente para se consumir. Para se acabar. (MÂE, 2017, p. 94-95)

Percebe-se, nesse fragmento, o poder de resistência de um corpo que, mesmo consumindo-se, permanece.

Morte, luto e melancolia

Logo no início do romance, percebe-se que Halla se torna uma espécie de assombração da outra e, ao mesmo tempo, devido ao espelhamento das duas, é como se Halla tivesse nela partes de Sigridur. Há também, nesse sentido, uma espécie de canibalismo na melancolia de alguns dos personagens que demonstram uma necessidade de acreditar e manter partes vivas da morta, como percebe-se no trecho (p.17) “*Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo. Prosseguia viva por qualquer forma.*” Acerca desse tipo de situação, Kristeva (1989) menciona:

O canibalismo melancólico, que foi assinalado por Freud e por Abraham, e que aparece em numerosos sonhos e alucinações de deprimidos, traduz essa paixão de manter dentro da boca (mas a vagina e o ânus também podem se prestar a este controle) o outro intolerável que tenho vontade de destruir para melhor possuí-lo vivo. Melhor fragmentado, retalhado, cortado, engolido, digerido... do que perdido. O imaginário canibalístico melancólico é um desmentido da realidade da perda, assim como da morte. Ele manifesta a angústia de perder o outro, fazendo sobreviver o ego, certamente abandonado, mas não separado daquilo que o nutre ainda e sempre e se metamorfoseia nele - que também ressuscita - por essa devoração. (KRISTEVA 1989,p.18)

A expectativa de manifestação de Sigridur, em Halla, é trazida em alguns fragmentos no decorrer da obra e é mais precisamente evidente na mãe das meninas, que chega até a cogitar que o filho que Halla irá ter possa ser Sigridur expelindo-se da irmã.

As almas seriam feitas de ar. Uma criança de duas almas, magra assim, voaria como um balão com facilidade. (...) A minha mãe bateu-me. Sentiu-se revoltada por me mostrar tão egoísta. Lembrou-me que eu só voara por ter a minha e a alma da Sigridur dentro do balão estreitinho do corpo. (MÂE, 2017, p. 29)

Na esteira da linguagem bastante poética de Mãe se configura essa história que, do começo ao final, revela vivências de dor, sofrimento, vazio e crise existencial ocasionadas por luto e/ou melancolia provenientes, como já mencionado anteriormente, de perdas por morte. Ao analisarmos, nessa obra, os aspectos que vão do luto à melancolia é possível perceber uma situação, de certa forma, irônica, pois, ao mesmo tempo em que não há aceitação da morte demonstrando um forte apego à vida, na mesma medida, há uma postura mórbida diante da vida que resta àqueles que ficam. Nesse misto paradoxal percebe-se uma dinâmica mortuária de vida consequente de uma morte. Essa ambivalência morte/ vida é percebida por Jung, em *A natureza da Psique*, da seguinte maneira:

Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e **nasce a morte**. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva. (JUNG 2000, p.171)

A ideia contraditória evidenciada nesse tipo situação é também expressa por Kristeva:

Tudo isto, bruscamente, me dá uma outra vida. Uma vida impossível de ser vivida, carregada de aflições cotidianas, de lágrimas contidas ou derramadas, de desespero sem partilha, às vezes abrasador, às vezes incolor e vazio. Em suma, uma existência desvitalizada que, embora às vezes exaltada pelo esforço que faço para continuá-la, a cada instante está prestes a oscilar para a morte. (KRISTEVA 1989, p.11)

Diante das perdas, há, a princípio, a não aceitação, havendo ainda a possibilidade de que o aceitar nunca aconteça. Os casos de não aceitação permanente traduzem a melancolia, outro foco da presente pesquisa. Conforme Freud (2010, p.176), “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu”. Em *A desumanização* percebe-se, como na citação a seguir, muitos aspectos característicos de melancolia.

A minha mãe, que se de enferma seguia para uma tristeza mortal sem regresso, juntou-se a nós, sempre calada, tomando a mão do marido igual a apertar uma algema. Havia na imagem desolada do casal uma resignação qualquer. Do corpo de um chegava ao outro a energia única. Percebi, surpresa, que eram uns, mesmos, súbita e finalmente comungando de tudo como quem chegara a uma decisão, a uma conclusão. Fiquei tão incomodada quanto comovida. Só

um afeto maduro poderia resultar na cumplicidade que demonstravam. Trancados igualmente por dentro. Num certo escuro, como se olhassem para dentro deles próprios, o que acontecia aos barcos à noite. Olhavam o interior um do outro e estavam numa noite qualquer, inconfessável. Uma noite feia. (MÄE, 2017, p.160)

A melancolia é bastante recorrente no romance *A desumanização* e marca muitos trechos em que há descrição de lugares, vivências e pessoas.

A morte, temática que sempre despertou grandes reflexões na Filosofia, é um dos grandes enfrentamentos do ser humano e é ela a base na qual se desenrola *A desumanização* sendo responsável direta pelas inúmeras mazelas vivenciadas pelos personagens. Entre o corpo que se apaga e aqueles que,

mesmo na luz da vida – remetendo a essa ideia de dar a luz – são, de certa maneira, apagados pelo sofrimento, há a nítida representação da incapacidade humana de lidar com a finitude. O excessivo apego à vida faz com que o ser humano lide de forma muito penosa quanto à ideia de sua morte e às mortes daqueles por quem se tem afeto.

Acerca, especificamente, do medo proveniente da morte – tanto a nossa quanto a do outro -, Schopenhauer, em sua obra *Metafísica do amor Metafísica da morte*, declara considerar este temor como uma preocupação irracional e cega para com tão breve espaço de tempo que é a vida em si.

O homem, como vida, é um ser para a morte. Refletir sobre esta é lançar luz sobre o viver e a natureza íntima das coisas, do mundo em geral como reflexo especular da Vontade, mero ímpeto cego para a ausência. (SCHOPENHAUER 2000, p.14)

Segundo Freud, a morte enquanto perda consiste na ausência objetal permanente de algo a que se tem afeto. Essa perda, nesse sentido, desencadeia processos psíquicos experienciados de diferentes formas e vai expressar-se por meio das mais variadas atitudes e comportamentos. A essa fase, que apresenta diferentes faces, dá-se o nome de luto. Quanto a alguns dos aspectos do luto, Freud assim descreve:

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que não lembra o falecido -, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor – o que significaria substituir o pranteado -, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. (FREUD 2010, p. 173)

A vida humana é marcada por enfrentamentos diversos muitos deles estando associados às perdas que vão desde um emprego à morte de alguém a quem se é envolvido por algum vínculo afetivo. Acerca disso, Kovacs, em sua obra *Morte e desenvolvimento humano*, assim aponta:

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é “perdida” e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado. (KOVACS, 1992, p. 54)

O que difere um tipo de perda de outra está, principalmente, no quanto o indivíduo será afetado durante o período que sucede ao ‘objeto’ que se perde. Essa vivência, o luto, apresenta inúmeras formas de manifestação no enlutado. Para Freud, em sua obra *Luto e melancolia*, trata-se de um complexo processo psíquico que, no entanto, não pode ser associado à patologia, pois se trata de um comportamento que, mesmo se estendendo por um longo período, é passageiro. Esse fator acaba por diferenciar luto e melancolia.

No luto, vimos a inibição e a ausência de interesse explicadas totalmente pelo trabalho do luto que absorve o Eu. Na melancolia, a perda desconhecida terá por consequência um trabalho interior semelhante, e por isso será responsável pela inibição que é própria da melancolia. Mas a inibição melancólica nos parece algo enigmático, pois não conseguimos ver o que tanto absorve o doente. O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. (FREUD, 2010, p. 175 e 176)

A finitude da existência, em diferentes perspectivas, é um grande dilema da humanidade. Mais especificamente em relação à morte do outro, a maioria das pessoas não sabe como afrontar os abalos emocionais oriundos dessa perda. Partindo da ideia de que essa é uma fatalidade inerente à existência, as perdas, nesse sentido, em tese, deveriam ser enfrentadas com maior naturalidade. No entanto, trata-se de um momento existencial extremamente penoso e, por vezes, traumático.

Jung, em sua obra *Memória, sonhos e reflexões*, menciona:

É que a morte também é uma terrível brutalidade - nenhum engodo é possível! – não apenas enquanto acontecimento físico, mas ainda mais como um acontecimento psíquico: um ser humano é arrancado da vida e o que

permanece é um silêncio mortal e gelado. Não há mais esperança de estabelecer qualquer relação: todas as pontes estão cortadas. (JUNG, 1986, p.59)

Esse excerto de Jung dialoga com o trecho de Mãe (2017, p.22) “Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco.”

Na obra *A desumanização*, Mãe consegue colocar o leitor em um universo dramático de conflitos que se desencadeiam devido a perdas por morte, sendo possível perceber aspectos que da morte vão à crise existencial, vazio, luto e melancolia.

O romance como um todo, nitidamente, oportuniza um estudo literário amalgamado tanto à Filosofia, devido às temáticas típicas do olhar filosófico – morte, crise existencial, vazio, solidão, medo - quanto à Psicanálise, já que a construção dos personagens e os contextos em que se desenrola a narrativa evidenciam situações e assuntos comuns à Psicanálise - tais como, conflitos internos, sofrimento psíquico, passado interferindo no futuro, enfrentamento de morte, luto, melancolia, crise existencial, apegos, perda de sentido da vida, autopunição, abusos físicos/psicológicos, traumas, fuga da realidade, entre outros.

Nesse plano de fundo de questões psicanalíticas e filosóficas, e sob a beleza expressa na linguagem de Mãe, se esculpe *A desumanização*. A linguagem lírica de Mãe oportuniza ainda ao leitor uma maior sensibilidade frente às situações complexas ali narradas.

Considerações finais

Considera-se necessário evidenciar que as ideias trazidas nesse trabalho buscam apresentar e analisar como ocorrem os pontos de intersecção entre *O corpo que não aguenta mais*, Lapoujade e *A desumanização*, Mãe. Por meio da capacidade literária de Mãe, aspectos psicanalíticos e filosóficos costuram a trama e dialogam perceptivelmente com Lapoujade, pois nesse universo de dor, enfrentamentos e sofrimento que envolve a narrativa, como um todo, os ‘corpos que não aguentam mais’, ali expostos, resistem e sobrevivem.

Prezando por uma análise focada em percepções análogas percebe-se o cruzamento entre os textos de Lapoujade e Mãe. Por um lado, Lapoujade traz reflexões sobre a capacidade inerente de resistir às feridas externas e internas das quais o homem

está sujeito, do outro, Mâe, em sua narrativa ficcional, contextualiza as ideias expressas em *O corpo que não aguenta mais*. Os personagens em *A desumanização* metaforicamente representam esse ‘corpo que não aguenta mais’ a partir de suas vivências dramáticas que revelam esses corpos que precisam levantar e prosseguir, mesmo com todo o peso que carregam e dos quais estão acometidos – tristezas, melancolia, luto, perdas, impossibilidade de encontrar sentido na vida, sensação de vazio existencial, crises existenciais, medos, entre outros.

Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Obras Completas Vol. 12, Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. Trad. Para o português realizada pelo CEPAT FINTE IHU (Instituto Humanitas Unisinos). Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Ed. Nova Fronteira, 1986.
- KOVACS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. Rio de Janeiro: Casa do psicólogo, 1992.
- KRISTEVA, Julia. **Sol Negro Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LAPOUJADE, Davi. **O Corpo que não aguenta mais**. In: ___. GADELHA, Sylvio (orgs.). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002
- MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca azul, 2017.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor Metafísica da morte**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes 2000.